



REVISTA

N.º 4 / AGOSTO 2024 / GRATUITO

ÍNDICE

- 1 Editorial
Carlos Alves, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
- 3 O Culto a Nossa Senhora da Salvação: O processo de preparação da imagem e a Procissão de 15 de Agosto
Jorge Lopes e Paula Ferreira Sousa, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
- 15 Encaste da ganadaria JC ao longo dos 55 anos da sua existência
Ganadaria JC
- 21 A história da Tertúlia Piriquita
- 24 A história da Tertúlia Sucessores dos Barrilinhos
- 27 A história da Tertúlia Kanecús
- 29 A história da Tertúlia do Capote
- 32 A história da Tertúlia d'Aficion (Aí tá o cavalo!)

FICHA TÉCNICA

Título:	Revista "Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos"
Propriedade:	Município de Arruda dos Vinhos Largo Miguel Bombarda / 2630-112 Arruda dos Vinhos Telefone: 263 977 000 / cm-arruda@cm-arruda.pt
Diretor:	Carlos Alves, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Coordenação de Conteúdos:	Jorge Lopes (Técnico Superior - Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos) Catarina Bexiga
Revisão de textos:	Ana Correia (Chefe da Unidade de Educação, Cultura, Turismo e Juventude) Paulo Câmara (Técnico Superior - Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos)
Paginação e Grafismo:	Soraia Matos (Gabinete Comunicação e Imagem - Câmara Municipal Arruda dos Vinhos)
Colaboraram neste número:	Carlos Alves, Jorge Lopes, Paula Ferreira Sousa, Catarina Bexiga, Ganadaria JC, Tertúlia Piriquita, Tertúlia Sucessores dos Barrilinhos, Tertúlia do Capote, Tertúlia d'Aficion (Aí tá o cavalo!)
Impressão:	Soartes - Artes Gráficas, Lda.
Distribuição:	Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Tiragem:	1000 exemplares
Periodicidade:	Anual
Depósito Legal:	459750/19

As tertúlias taurinas móveis têm uma importância inestimável na cultura popular arrudense. São a festa dentro da festa.

Elas proporcionam um espaço para os entusiastas da tauromaquia discutirem, compartilharem experiências e manterem viva essa tradição. Mas não só. Além disso, as tertúlias ajudam a preservar e promover a cultura popular, sendo pontos de encontro intergeracional de divulgação das tradições.

A publicação que fica agora disponível continua a aposta na dignificação e promoção deste exemplo único no país.

Um contributo único e *sui generis* que enaltece a festa num ambiente familiar e comunitário de partilha e de passagem geracional de valores. Assente em meses de trabalho, antes da festa, com preparação das viaturas com base em voluntarismo e espírito de entreatajuda.

Deve-se a todos estes tertulianos uma parte significativa da animação que se vive nas ruas de Arruda dos Vinhos sempre que as mesmas nos presenteiam com a sua participação.

Sem as tertúlias a festa também se realizava? Sim! Mas não era a mesma coisa. Seria irreconhecível. Para mais o seu crescimento advém, também, desta participação singular e sem paralelo.

Agora que fechamos um ciclo de publicações sobre a história das tertúlias móveis de Arruda dos Vinhos resta-me, em meu nome e da Câmara Municipal, enaltecer mais uma vez o trabalho de todos e agradecer a presença que muito engrandece a nossa festa.

Carlos Alves

Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos



O CULTO A NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO: O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DA IMAGEM E A PROCISSÃO DE 15 DE AGOSTO

Jorge Lopes e Paula Ferreira Sousa, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

"A Procissão de Nossa Senhora da Salvação sempre foi uma manifestação de fé muito importante, expressa de forma bastante vincada devido ao seu cariz popular, considerando-se uma parte fundamental da identidade dos festejos."

1. O CULTO MARIANO E A FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO

A Festa em Honra de Nossa Senhora da Salvação é uma manifestação cultural que tem na sua génese um culto religioso, de invocação mariana que presta devoção a Nossa Senhora da Salvação, padroeira da vila de Arruda. A festa realiza-se com regularidade anual, entre dia 6 e dia 18 de agosto. A dimensão religiosa decalca alguns elementos característicos de uma romaria, sendo que a sua maior singularidade se manifesta na procissão do dia 15 de Agosto, quando a imagem percorre as principais artérias da vila de Arruda dos Vinhos. Este é o dia alto das celebrações religiosas, é realizada a *Missa da Festa* da parte da manhã e, de tarde, antecedendo a procissão de Nossa Senhora da Salvação, é celebrada a *Missa para os Forasteiros*. Neste dia as varandas das ruas por onde passa

a procissão exibem as tradicionais colchas, sinal de reverência à passagem da Imagem.

O culto à imagem de Nossa Senhora da Salvação na Igreja Matriz durante os dias da festa e a procissão de 15 de Agosto, e todos os rituais envoltos na preparação da imagem para a sua saída às ruas, revela e exalta a dimensão simbólica e sagrada desta manifestação numa mobilização comunitária singular no seio da comunidade local.

A Procissão de Nossa Senhora da Salvação sempre foi uma manifestação de fé muito importante, expressa de forma bastante vincada devido ao seu cariz popular, considerando-se uma parte fundamental da identidade dos festejos. Este culto a Nossa Senhora da Salvação é parte importante da identidade dos habitantes deste concelho, atravessando diferentes gerações e dimensões sociais da comunidade arrudense. A saída à rua da imagem é um momento muito marcante para os devotos; é um momento de exteriorização de emoções e sentimentos acumulados, que se materializam através de orações, participação nos atos religiosos, pagamento de promessas e ofertas à Virgem. A procissão assume-se como um dos momentos mais altos dos Festejos; é um momento solene e majestoso, pelo facto de apenas apresentar um andor e de dimensão bastante considerável.

O culto da Mãe de Deus, fundado no Evangelho, manifestado nas Catacumbas, nos séculos II e III desenvolve-se rapidamente, com a proclamação da Maternidade divina de Maria, no Concílio de Éfeso, em 431. Os mistérios Marianos tiveram prioridade de celebração no Oriente. São criadas as festas da Purificação (séc. IV), da Anunciação (séc. V), Assunção (séc.

VI) e Natividade (séc. VII). Pode, entretanto, dizer-se que no princípio do século V quase toda a população hispano-romana era cristã.

Pelágio foi proclamado Rei, logo a seguir à Batalha de Covadonga (718) e, no lugar em que se travou aquela batalha, fez erigir um Santuário em honra da Virgem Maria. A Reconquista Cristã aparece-nos assim desde Covadonga, como obra de religião e patriotismo, na génese das futuras nações hispânicas. Os cristãos creem-se portadores de uma tradição e procuram ajustar-se a ela quer nas instituições sociais quer nas eclesiásticas.

No século X, criaram-se novas festas de Nossa Senhora em todo o Ocidente e desenvolveu-se o culto das imagens. A prática da Ave Maria tornou-se geral. Ao longo da Idade Média, a alma dos fiéis incendeia-se e erguem-se os magníficos templos Marianos através dos séculos XIII, XIV, XV e XVI.

A veneração a Santa Maria, veiculada pelo clero, entranhou-se de tal modo na religiosidade popular, que proliferaram ao longo de toda a época medieval diferentes invocações à Virgem. Até ao século XVI, a Igreja de Arruda dos Vinhos era dedicada a Santa Maria de Arruda. No início daquele século, grassando um surto de peste em Lisboa, D. Manuel I, segundo a tradição oral, refugia-se em Arruda pela fama dos seus bons ares; aqui faz um voto à Virgem: recuperar a Igreja Matriz e dedicá-la a Nossa Senhora da Salvação, em Ação de Graças. Ordenou também que se realizassem, anualmente, festejos em honra de Nossa Senhora no dia 15 de Agosto, dia da sua Assunção. Tal tradição perdurou e chegou até aos nossos dias.



1.1. O CULTO MARIANO EM PORTUGAL

Desde muito cedo que os Cristãos reconheceram o paralelismo simbólico entre a Virgem Mãe e a Igreja Mãe, ambas, igualmente Virgens e fecundas. Maria, sendo Mãe de Cristo, é Mãe dos Cristãos, mas também a Igreja, esposa mística de Cristo, é Mãe dos mesmos Cristãos, chamados por isso, filhos da Igreja (*filii ecclesie* > *filigreses* > *fregueses*). Por esta razão, a grande maioria das catedrais e das igrejas portuguesas, tomaram a Virgem Maria por padroeira. Por isso se percebe que a fundação e o povoamento de Portugal coincidiram com um grande incremento da devoção mariana, motivada e inspirada pelo ideal cavaleiresco da Idade Média de exaltação da mulher, cujo protótipo perfeito era a Virgem Maria. É desta forma que no séc. XVII, D. João IV nomeou Nossa Senhora, Rainha de Portugal. Desde então, os reis portugueses deixaram de usar Coroa Real que passou a fazer parte da representação de Nossa Senhora da Conceição.

Na História de Portugal registam-se dois momentos importantes no processo da sua independência: a Revolução de 1383 – 1385 e a restauração de 1640. Na primeira, salienta-se o significado da vitória alcançada por D. Nuno Álvares Pereira em Atoleiros a 6 de abril de 1384 e a eleição do Mestre de Avis para Rei de Portugal, curiosamente a 6 de abril de 1385. Em 14 de agosto, travou-se a Batalha de Aljubarrota, sob a chefia de D. Nuno Álvares Pereira, símbolo da vitória e da consolidação do processo revolucionário de 1383-1385. No movimento da restauração destaca-se a coroação de D. João IV como Rei de Portugal, a 15 de dezembro de 1640, no Terreiro do Paço em Lisboa.

A Solenidade da Imaculada Conceição liga estes dois acontecimentos decisivos na História da independência de Portugal no contexto das Nações Europeias. Segundo a secular tradição, foi o condestável D. Nuno Álvares Pereira quem

fundou a Igreja de Nossa Senhora do Castelo em Vila Viçosa e quem ofereceu a imagem da Virgem Padroeira, adquirida na Inglaterra. Este gesto do Condestável reconhece que a mística que levou Portugal à vitória veio da devoção de um povo a Nossa Senhora da Conceição. Assim a formação e a afirmação da nacionalidade Portuguesa consolidaram-se no meio de um cenário, onde a sua religiosidade se afirma pelas mãos de uma sociedade guerreira. E era neste cenário de conflitos que se mesclavam intenções políticas e religiosas.

Em Portugal, durante vários séculos, a alma dos fiéis floresce e assiste-se ao erguer de magníficos templos Marianos até ao séc. XVI. A veneração a Santa Maria, potenciada pelo Clero, foi sendo gradualmente assumida pelos cristãos que se traduziu numa imensa proliferação de diferentes invocações à Virgem. Com a instituição e afirmação, no século V, do culto a Maria, verifica-se que a Virgem foi sendo representada e interpretada de diferentes formas que se alteraram ao longo dos séculos, ao sabor das conjunturas histórico-artísticas, e até mesmo da leitura que dela fazia a própria Igreja. Maria foi-se tornando humana, a sua atitude perante Cristo morto torna-a humana, revelando-se a sua devoção cada vez mais emocional e próxima. Os diferentes papéis com que foi representada: Mãe, Virgem, Rainha e Intercessora, entre outros, refletem a importância considerável que revelou possuir nos começos da Nacionalidade, escolhida como patrona de todas as catedrais da nação. O culto a Nossa Senhora é, portanto, uma história secular e glorificante que arrancou nos primórdios da Nacionalidade.

Desde a Idade Média multiplicaram-se as invocações a Nossa Senhora, figura primacial da re-

ligiosidade e espiritualidade popular em Arruda dos Vinhos. Coube ao Papa Clemente VIII instituir a prática de coroar, como sinal de realeza as imagens de Maria e de a proclamar Rainha de diversos países (Portugal, Espanha e França).

2. A ORIGEM DO CULTO A NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO DE ARRUDA DOS VINHOS

A origem deste culto e os seus festejos, diz a tradição oral, têm como data de início o ano de 1531, quando o Rei D. Manuel I, após ter encontrado em Arruda refúgio à peste, mandou ampliar a antiga Igreja de Santa Maria de Arruda¹ e mudar a sua invocação para Nossa Senhora da Salvação e celebrar uma procissão anual no dia 15 de agosto, em agradecimento por se ter salvo da epidemia. O culto a Nossa Senhora da Salvação foi-se, certamente, consolidando e desenvolvendo ao longo dos tempos, até porque por esta altura a Festa de S. Tiago tinha um maior relevo e significado na comunidade arrudense da época. O culto ao Apóstolo S. Tiago fazia-se desde o séc. XII, altura em que por cá se instalou a Ordem de S. Tiago, após D. Afonso Henriques ter doado a vila a essa Ordem Militar para que promovesse o povoamento a norte do Tejo (Lopes, Sousa e Machado, 2019; Vargas, 2017).

A Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos terá conhecido vários oragos ligados ao culto Mariano. Grande parte da documentação paroquial e tabeliônica sobre a Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos desapareceu, o que nos leva, ainda que com breve base histórica, a realçar quatro invocações deste monumento: Santa Maria da Arruda, Nossa Senhora do Pranto, Assunção e Nossa Senhora da Salvação. Santa Maria da Arruda, invocada por D. Afonso Henriques como

já se demonstrou, ter-se-á mantido até ao século XV.

Segundo Frei Agostinho de Santa Maria refere na sua obra de 1707 "Santuário Mariano, e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora": *"He servida de hũa fervorosa Confraria, cujo compromisso foy feito no anno de 1447, no qual se intitula a Imagem da Senhora, a quem obsequiosamente se dedicou naquelle tempo, a Senhora do Pranto"* (Santa Maria, 1707, p. 390). Por aqui se entende que a imagem de Nossa Senhora da Salvação não poderá ser a mesma que a de Nossa Senhora do Pranto, pois o semblante sereno de Nossa Senhora da Salvação não se coaduna com a dor de Nossa Senhora do Pranto. A escultura é uma modalidade artística com expressão quantitativa nas valências patrimoniais da Igreja. Um dos exemplos mais destacados, no que toca à escultura, é a imagem de Nossa Senhora da Piedade ou Pietá, cremos tratar-se da imagem tutelar do templo. Considerando o material, a técnica escultórica, a modelação das figuras humanas e a estética que a obra revela consideramos ser obra de século XV. Com este intento, é possível identificar a escultura de Nossa Senhora da Piedade, quatrocentista, como sendo a antiga Nossa Senhora do Pranto: *"(...) porque em hum altar da mesma Igreja, que fica á parte do Evangelho, se vêhũa Imagem de nossa Senhora da Piedade, de vulto, muyto antiga, com o Santissimo Filho morto em seus braços; a qual tem para si as pessoas de mayor entendimento daquela Villa, que esta era a Senhora do Pranto, em que a Irmandade tivera o seu principio"* (Santa Maria, 1707, p. 390). Refere, já no século XVIII, a falta de base documental: *"Nem se acha algum outro principio certo desta Santa Imagem, nem de onde veyo. Nem se descobre noticia, ou escritura da razão que ouve para que aquella Irmandade mudasse a invocação*

de Nossa Senhora do Pranto, para o dar á Senhora da Salvação" (Santa Maria, 1707, p. 390).

Atualmente, a organização e promoção das festividades profanas são da responsabilidade da Câmara Municipal e a componente religiosa da Paróquia. Mas, até à década de 80 do século XX esta responsabilidade estava a cargo da Paróquia e da Comissão de Festas. Assim, a Irmandade de Nossa Senhora da Salvação, que tinha a função de administrar a Fábrica Paroquial, em conjunto com os párocos, organizavam a parte religiosa da festa, com alguma intervenção na componente profana (Câmara e Ferreira, 2006, P. 17).

¹O ano de 1531, já no reinado de D. João III, é a data de conclusão das obras que tiveram início em 1525. (Câmara e Ferreira, 2006; Ferreira e Câmara, 1999; Lopes, 2017; Machado, 2017; Rogeiro, 1997).



3. A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO: O CERIMONIAL DE PREPARAÇÃO DA IMAGEM

No dia 14 de agosto, depois da missa da manhã (caso haja), um conjunto de quatro a seis homens (os voluntários que vigiam a Igreja e outros que colaboram com a paróquia) trazem a Nossa Senhora do Altar colocando-a numa peanha o mais próximo do Andor, que entretanto já aguarda a Imagem. As Senhoras responsáveis por este processo (as Aias) retiram-lhe toda a roupa, coroa e cabeleira, procedendo posteriormente à limpeza do rosto e do corpo. Segue-se então todo o cerimonial de vestir o fato e o manto que naquele ano a Senhora irá usar na Procissão do 15 de Agosto.

Primeiro é vestida a roupa interior que é composta por: camisa de linho; camisa de flanela, que tem como objetivo “dar enchimento/volume” ao fato e irá servir para se colocarem as fitas das ofertas/contributos, pois esta camisa é um pouco mais comprida que o fato, de forma a evitar que se pique o fato com os alfinetes. Seguidamente veste-se o fato da Senhora (cuja decisão de qual a usar, foi previamente acordado pelo Pároco e pelas Aias), seguindo-se o fato do Menino, e só depois é colocado o Manto. Posteriormente coloca-se a cabeleira (a que for mais nova e que só é usada na Procissão), o véu e a Coroa. Por fim, colocam-se os brincos e o fio (o uso destes adornos varia do gosto e da vontade das senhoras que no momento têm a responsabilidade de vestir a senhora). Após este ritual, dois dos homens presentes colocam a Senhora no Andor e procede-se aos últimos retoques. A ornamentação com flores frescas é feita posteriormente e, em último lugar, é colocado o ramo na mão de Nossa Senhora. No dia 14 de agosto

à noite, enquanto decorrem os festejos e a Largada de Toiros, já é possível adorar/venerar a Imagem que aguarda serenamente pelo seu dia – 15 de Agosto.

A Nossa Senhora da Salvação possui atualmente nove fatos, que são mudados ao longo do ano de acordo com as diferentes datas litúrgicas. A guarda, manutenção, preservação e garantia de todos estes procedimentos são responsabilidade das Aias de Nossa Senhora.

3.1. OS MANTOS DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO



Do conjunto dos nove Fatos que Nossa Senhora possui, este é o mais antigo – agosto de 1948. Foi mandado fazer e oferecido pela família Mendonça.



Vestido mandado fazer pelo Senhor Padre Faustino, produzido num Atelier – Adelaide Ferreira | Couture. As papoilas e os cachos de uva simbolizam alguns elementos do património natural de Arruda.



Vestido utilizado por altura de Nossa Senhora da Conceição – 8 de Dezembro

Produzido pela Sr.ª D.ª Mariazinha Silva.



Vestido de Asperges, igual à capa que é usada pelo Pároco principal na procissão do dia 15 de Agosto. Produzido por Teresa Prazeres.



Vestido utilizado no Advento e na Quaresma. Produzido pela Teresa Prazeres e bordado por Maria Antónia Ponte em 2007.

3.2. A PROCISSÃO DE 15 DE AGOSTO

A procissão é um momento alto, solene e majestosa. Este momento diferencia-se pelo facto de só se apresentar um andor com a imagem da Virgem com o menino e rematada por uma elegante coroa em prata. O andor torna-se imponente pela sua dimensão bastante considerável.

A organização da procissão segue determinados preceitos e esta obedece a uma ordem:

À frente, apresenta-se a cruz, ladeada por dois círios, seguindo-se o pendão, transportado por membros do Apostolado da Oração. A estes, seguem-se os apóstolos da oração, organizados em corredor, sendo que a partir dos anos 50 do século XX, estes elementos eram identificados por uma pequena medalha com uma fita vermelha. Logo atrás, seguem os anjinhos dispostos também em duas filas, que são acompanhados por adultos, albergando capa branca e azul. A este propósito e no cartaz da festa de 1960 podia ler-se: “Só homens com capas acompanharão os anjinhos, e estes não poderão ser juntos ou só registados civilmente. É completamente proibido ir senhoras, mesmo a cumprir promessas junto do andor. Irão em lugar especial, atrás da Banda...”. Para além dos anjinhos, que participam normalmente por promessa, fazem parte também as figurantes de Nossa Senhora (Virgens – jovens que faziam a Comunhão Solene). Imediatamente atrás dos anjinhos e das virgens, apresentam-se o Turíbulo e a Naveta, em prata. Segue-se em todo o seu esplendor a Venerada Imagem de Nossa Senhora da Salvação, que até à década de 70 do século XX, ostentava jóias (nomeadamente fios e cordões de ouro) e dinheiro pregado em

fitas. A partir desta altura, o ouro era exposto em vitrina própria na igreja, durante os dias da festa.

O andor, trabalhado em madeira dourada, é transportado por seis homens que nos momentos de pausa da procissão socorrem-se dos forcados para o apoiar, e é ainda acompanhado por seis bombeiros e quatro elementos da Guarda Nacional Republicana. Imediatamente atrás da imagem segue outro turíbulo, seguido do pálido sustentado por oito varas. Este é levado pelas personalidades mais ilustres do concelho, sendo que à frente, do lado direito vai o Senhor Presidente da Câmara e à esquerda o Vice-Presidente. Até aos anos 80 do século XX iam três padres sob o pálido, sendo o do meio o padre da freguesia, que transporta o Santo Lenho.

O padre que preside à cerimónia enverga uma capa de asperges, os outros dois envergam dalmáticas normais. Logo atrás do pálido, seguem os pagadores de promessas, normalmente descalços, antes da banda de música que acompanha a procissão. Por último vem a multidão de fiéis.

Segundo as informações recolhidas, anos houve em que procissão foi “aberta” por elementos da Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, e noutras alturas pela Fanfarra dos Bombeiros. Durante todo o percurso da Procissão, ouve-se o dobrar do sino grande da Igreja, em tempos graças à força de três homens.

Relativamente ao percurso da Procissão, este sofreu ao longo dos tempos algumas alterações. Atualmente o percurso da Procissão toma o seguinte itinerário: Adro da Igreja, rua Padre José Lopes, rua Heliodoro Salgado, rua 5 de Outubro (antiga rua da Palma), rua Costa

do Castelo, Corujeira, rua de Santo António, rua do Mel, rua Cândido dos Reis, Alcambar, rua João de Deus, rua 5 de Outubro, rua Heliodoro Salgado, rua Padre José Lopes e Adro da Igreja. A procissão chegou também a subir o Jardim Municipal e descer a rua Luís de Camões. Ao longo de todo este percurso, varandas e janelas são engalanadas com as melhores colchas.

Seja no momento da saída da Igreja, seja no momento do recolher da imagem, o adro encontra-se repleto pela multidão que ali acorre. A este propósito, conta uma lenda que num dia 15 de Agosto particularmente quente, do início do século XX, alguém terá desabafado: "Meu Deus que calor insuportável, quanto custa estar aqui e tanta gente que me sufoca"; ao desabafo, teria respondido Nossa Senhora do alto do seu andor: "Muitos mais são os Anjos e os Santos que me acompanham aqui em cima e que me louvam e veneram sem cessar".



Percurso da procissão com passagem pelo Largo Miguel Bombarda. Década de 70.



Percurso da procissão subindo a Rua Cândido dos Reis. Década de 60.



Percurso da procissão subindo a rua Luís de Camões (jardim municipal). Década de 50.



Percurso da procissão com passagem pelo Largo Miguel Bombarda. Ano de 2023.

BIBLIOGRAFIA

- A.N.T.T., Série Preta 3578¹⁸.
- ALMEIDA, Fortunato de, História da Igreja em Portugal, Lisboa, 1922.
- CÂMARA, Paulo, FERREIRA, Paula, Nossa Senhora da Salvação "A Magia da Festa", novembro de 2006.
- CASTRO, Padre João Bautista de, Mappa de Portugal Antigo e Moderno, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 3 volumes impressos entre 1762 e 1763 (2ª edição).
- CUNHA, Jorge da, A Festa de Nossa Senhora da Salvação, A.R.P.A (Associação para a Recuperação do Património de Arruda), 1997.
- GIL, Julio, "As Mais belas Igrejas de Portugal", Vol.II, 1989
- LOPES, Jorge, Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos (Uma Breve Nota Histórica), Revista Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - Coord. Jorge Lopes e Catarina Bexiga, Arruda dos Vinhos, pp 8-9, 2018.
- LOPES, Jorge, Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - caracterização de uma tradição identitária, Revista Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - Coord. Jorge Lopes e Catarina Bexiga. Arruda dos Vinhos, pp 9-16, 2019.
- LOPES, Jorge; SOUSA, Paula Ferreira; MACHADO, Ana Raquel, Chafariz de Arruda dos Vinhos: 230 anos de história (1789-2019). História do abastecimento de água à vila de Arruda. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 2019.
- MARIA, Frei Agostinho de Santa, Santuario Mariano, E Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, E das milagrosamente aparecidas, em graça dos Prêgadores, & devotos da mesma Senhora, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 10 tomos impressos entre 1707 e 1723.
- NIZA, Paulo Dias de, Portugal Sacro-Profano, ou Serie Particular de rodos os Padroeiros das Igrejas deste Reino, e de todas as que cada hum delles apresenta, Lisboa, Officina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Ofício, 1768.
- NORONHA, Tito Bourbon e "A Festa de 15 de Agosto a N.ª S.ª da Salvação em Arruda dos Vinhos", A Vida Ribatejana, número 118/27 (Agosto de 1943).
- PIMENTEL, Alberto, A História do Culto de Nossa Senhora em Portugal, Lisboa, Livraria Editora Guimarães, Libanio&C.ia, 1899.
- PINTO, Roney Figueiredo, "A iconografia no espaço jesuíta português: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra", Dissertação de mestrado em História de Arte, Património e Turismo Cultural. Sob a orientação da Professora Doutora Maria de Lurdes dos Anjos Craveiro. Apresentada à faculdade de letras, 2014
- RIBEIRO, Armando Vitorino, A Igreja Matriz de Arruda, Arruda dos Vinhos, 1955.
- ROGEIRO, Filipe Soares, Arruda dos Vinhos, Das origens à restauração do concelho em 1898, Arruda Editora, Dezembro 1997.
- SANTA MARIA, Fr. Agostinho de, Santuario Mariano, e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e sas milagrosamente apparecidas, em graça dos Prêgadores, & dos devotos da mesma Senhora, Tomo II, Lisboa, Oficina de Antonio Pedrozo Galrão, 1707, Reedição Imperitura-Alcalá, 2007.
- VARGAS, José Manuel, A Comenda da Arruda da Ordem de Santiago in Arruda dos Vinhos uma comunidade concelhia, memória e futuro – Transcrição do foral Manuelino de 15 de janeiro de 1517, Coord. Fernando Amorim, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos. Arruda dos Vinhos, p. 34, 2017.

ENCASTE DA GANADARIA JC AO LONGO DOS 55 ANOS DA SUA EXISTÊNCIA

GANADARIA JC

"Esse curro de toiros apresentou-se com um trapio irrepreensível e comportamental a nível de raça e de transmissão de emoção, e que ficou na memória."

A ganadaria foi fundada em 1969 com 39 vacas da Herdade de Camarate e um semental da ganadaria Teles Branco. De 1979 a 1984 foi introduzido um semental de encaste Urquijo pertencente a ganadaria do Eng. Samuel Lupi, com a finalidade de produzir animais mais encastados, com mais raça e transmissão.

Em 1985 iniciamos a cobrição de um lote de vacas com o touro 538/79 de nome Capea que foi adquirido à ganadaria Oliveira e Irmãos. Nessa altura eliminou-se toda a procedência da herdade de camarate e procurou se uniformizar a ganadaria com F1 de Urquijo tendo se adquirido outro semental Urquijo com o n.º 34/83, da Ganadaria Lupi.

A ganadaria atingiu um efetivo de 95 vacas de ventre, provenientes de tentas rigorosas nas varas e na muleta.

Em 1991 adquiriu-se um outro semental, desta vez à ganadaria Oliveira e Irmãos, n.º 148, de nome Napolito, lidado em Vila Franca de Xira numa das últimas corridas de toiros com picadores e que nos permitiu criar uma boa base de fêmeas de qualidade e com uma morfologia e cornamentas irrepreensíveis.

Em 1993 só detínhamos sementais Oliveira Irmãos, tendo utilizado a título de empréstimo o touro de

nome "Gineteiro", n.º 186, semental dessa ganadaria. Os resultados desses sementais na ganadaria permitiram criar uma boa base de fêmeas reprodutoras, no entanto essas qualidades não foram transmitidas aos machos na mesma proporção, pois os toiros saíam uns muito bons e outros muito duros para os forcados e com muito génio.

Em 1995 para suavizar os produtos para cavaleiros e forcados introduziu se como semental um touro António Charrua, n.º 135, Burriqueiro, lidado na Chamusca pelo Matador Rui Bento Vasquez. Deste cruzamento resultaram animais muito bons para a lide a cavalo, e que permitiram ganhar vários concursos de ganadarias, contudo o seu desempenho para a lide apeada era sofrível. Esses toiros ao serem tentados a cavalo eram reprovados, pelo que decidi se eliminar esta linha.



Em 1995 foi lidado na Figueira da Foz pelo cavaleiro Francisco Núncio, o touro n.º 203, de nome Salgado, com o nosso ferro que foi tentado e lidado a pé pelo matador Eduardo Oliveira, de elevada nobreza, este touro era 75% de encaste Oliveira Irmãos. Os produtos em novilhos e toiros resultantes deste semental foram muito bons.

No ano de 1991, o ganadero tornou se empresário promovendo corridas mistas para analisar os resultados dos encastes selecionados.

No ano 2000 adquiriu mais um semental da ganadaria Oliveira Irmãos, n.º 518, de nome Guitarrero, que teve uma longevidade superior a 10 anos como semental.

No ano de 2001 adquiriu-se um lote de 70 novilhas por tentar da ganadaria Simão Malta linha Oliveira Irmãos e Cabral Ascensão, quando esta terminou.

E no ano de 2002 adquiriram-se 30 novilhas ao ganadero Fernando dos Santos de encaste Cabral Ascensão puro de elevada qualidade. Tentámos e seleccionámos com base nos nossos critérios essas novilhas e permitiu-nos melhorar a base reprodutora da ganadaria.

A partir do ano 2000 a ganadaria tem sido conduzida com dois lotes de vacas e com recurso a 4 sementais, lidando cerca de 40 novilhos e touros por ano.

Em 2006 foi adquirido o ultimo semental, Oliveira e Irmãos, n.º 650/0, de nome Douradinho. Este semental morreu em 2020 com 20 anos tendo nesse ano ainda coberto 2 vacas.

Na 1.ª década do novo milénio a ganadaria ascendeu a uma posição importante no panorama tauromáquico Nacional e nos Açores, touros que em muitas ocasiões foram premiados pela sua apresentação e bravura.

No início de 2014 a ganadaria já com um encaste de 90% de Oliveira e Irmãos foi reduzida, atendendo aos valores de mercado de comercialização dos seus produtos.

Presentemente, temos 70 vacas de ventre em Arruda dos Vinhos e todo o restante efetivo de raça brava permanece na Herdade das Entrematas, situada nas Alcáovas



A desmama de machos até aos 18 meses é feita no Porto de Salazar em Azambuja, pois os terrenos do campo permitem um desenvolvimento corporal fantástico aos bezerros, permitindo posteriormente o desenvolvimento de toiros com maior trapio.

Ao fim de 40 anos, a 11 de julho de 2019, a ganadaria regressou à mais importante Praça de Toiros Nacional, o Campo Pequeno em Lisboa, com um êxito reco-

nhecido no meio taurino, pelos toureiros, empresários, críticos e público em geral. Esse curro de toiros apresentou-se com um trapio irrepreensível e comportamental a nível de raça e de transmissão de emoção, e que ficou na memória.

Regressámos em 2022 à praça de toiros do Sítio da Nazaré, com um êxito e com um toiro semental que nos traz sempre à memória boas recordações de corridas a cavalo e mistas importantes para a ganadaria, pois temos vários curros de êxito nas no- turnas de 2010, 2016 e 2018 e onde há 38 anos atrás a minha filha deu a 1.ª volta à arena com o saudoso Joaquim Bastinhas.

A temporada de 2023 foi também importante pois veio confirmar a qualidade da ganadaria para o toureiro a pé e a nossa seleção começando na novilhada em Vila Franca de Xira, a 25 de Março, com 6 erales de eleição, transmitindo e rompendo nos capotes e muletas dos novilheiros que por ali passaram.

Depois no dia 1 de Maio, no Cartaxo, comprovamos os bons resultados de mais um semental, com um curro importante.

Voltámos à praça de Arruda dos Vinhos, nossa terra, porque seria uma corrida mista e na verdade valeu a pena, pois o toiro n.º 62 lidado pelo Nuno Casquinha deu que falar, pela sua bravura e nobreza sem fim, premiado com volta à arena e aplaudido no final da sua lide. Um toiro importante mas que veio a morrer nesse verão numa luta entre sementais. E terminámos a temporada na corrida do centenário de Mestre João Branco Nuncio, em Alcácer do Sal, numa tarde de 40.º C à sombra e que apesar das condições adversas, o curro teve boa prestação.

Os toiros que são lidados na temporada e que evidenciam comportamento e uma família de boa nota regressam a casa e são tentados, no inverno seguinte, na sorte de varas, testando a sua bravura e prontidão e toureados de muleta para comprovar a sua nobreza e extensão de lide. Na verdade, a base da nossa seleção baseia-se sempre nesses 2 tércios nas tentas de fêmeas e machos.



A temporada de 2024 começou muito bem no dia 1 de Maio no Cartaxo com toiros sérios e com mobilidade, em que trouxemos um potencial semental a tentar no próximo inverno. E no dia 28 de Julho teremos o primeiro desafio na internacionalização da ganadaria em França, Orthez, que esperamos que nos permita uma nova fase da ganadaria para comprovar a nossa seleção para o toureiro a pé.

Próximas corridas da temporada:

- Salvaterra 30 de Agosto

- Vila Franca de Xira Outubro concurso de ganadarias

Toiros premiados e de destaque na ganadaria:

Ao longo destes anos a ganadaria ganhou 16 concursos de ganadarias em que participamos destacando-se alguns:

▪ **Toiro n.º 71 “Papagaio”**

Premio Bravura ex-âqueo com a ganadaria Conde Cabral, Lidado a 1 de Maio de 1983, pelo cavaleiro José Mestre Baptista no concurso de ganadarias em Vila Franca de Xira, transmitido em direto pela TV.

▪ **Toiro n.º 203 “Salgado”**

Lidado pelo cavaleiro Francisco Nuncio na Figueira da Foz em 1995, vindo a ser um importante semental;

▪ **Toiro n.º 112**

Premio de bravura, lidado a 17 de agosto de 2001 pelo cavaleiro Rui Salvador no concurso de ganadarias em Arruda dos Vinhos;

▪ **Toiro n.º 195**

Premio de bravura, num concurso entre 12 ganadarias, lidado a 21 de agosto de 2006 pelo cavaleiro Manuel Lupi em Samora Correia;

▪ **Toiro n.º 214, “Malhinhos”**

Lidado a 6 de julho de 2007 pelo cavaleiro Luís Rouxinol na Vidigueira, vindo a ser um importante semental;

▪ **Toiro n.º 191**

Premio Jornal Olé do Toiro mais bravo da Temporada 2007, Lidado a 4 de agosto de 2007 pelo cavaleiro António Ribeiro Telles na Nazaré;

▪ **Toiro n.º 231**

Lidado a 9 de Agosto de 2008 pelo matador Luís Procuna na Nazaré, destacando-se pelo seu comportamento na lide com raça e codícia;

▪ **Toiro n.º 156**

Premio de Bravura, Lidado a 6 de Outubro de 2013 pelo cavaleiro Filipe Gonçalves nas Caldas Da Rainha, na corrida da Pêra Rocha;

▪ **Toiro n.º 144 de nome "Tordo"**

Premio de bravura, Lidado a 21 de Junho de 2014 pelo cavaleiro Rui Salvador no Cartaxo;

▪ **Toiro n.º 43**

Premio de bravura, lidado a 17 de Agosto de 2016, pelo cavaleiro Rouxinol Jr em Arruda dos Vinhos;

▪ **Toiro n.º 209 de nome "Lunarito II" e o Toiro n.º 206 de nome "Bandarilho".**

Ambos lidados na corrida de toiros de Moura no ano de 2015;

▪ **Toiro n.º 32 de nome "Tordo"**

Toiro lidado pelo Marcos Bastinhas na corrida de 6/8/2016 na Nazaré, que foi um curro de êxito com 2 voltas à arena;

▪ **Toiro n.º 52 de nome "Rosa"**

Premio de bravura, lidado a Setembro de 2018, pelo cavaleiro Filipe Gonçalves na Moita;

▪ **Toiro n.º 35 de nome "Surpresa"**

Lidado a 23 de Julho de 2022 na praça de touros do Sítio da Nazaré por Andres Romero;

▪ **Toiro n.º 62**

Lidado em Arruda dos Vinho a 11/6/2023 pelo matador Nuno Casquina e no fim da lide foi aplaudido com volta a arena e que veio a morrer nesse Verão depois de uma luta entre sementais.







A HISTÓRIA DA TERTÚLIA PIRIQUITA*

1 – O vosso nome é sui-generis. Porquê Piriquita?

Para responder a esta pergunta, é necessário fazer um enquadramento prévio. Os quatro fundadores juntamente com um grupo de amigos começaram a juntar-se na festas como tertúlia fixa, no ano de 1988, e durante cinco anos estiveram em diferentes locais, mas “circulavam” pelas festas de forma animada num antigo jipe UMM. Num desses anos foi lançada a música “O Piriquito” do artista Fernando Correia Marques e desde aí passavam repetidamente a música e costumavam cantá-la tantas vezes que o senhor Zé “marraça” ou mã raça” (não sei a origem da alcunha), que trabalhava na Câmara Municipal e durante as festas era responsável por lançar os foguetes, de cada vez que os encontrava dizia sempre: “Olha o piriquita...”. “Lá vai o piriquita”. Daí que, quando, em 1993 puseram o 1º autocarro nas largadas esse foi naturalmente o nome que surgiu para identificar a tertúlia e os seus membros.

2 – Quem foram os fundadores da vossa Tertúlia?

Os quatro fundadores foram Pedro Faria, Tiago Ribeiro Corrêa, Nuno Faria e João Antunes.

3 – Começaram com um autocarro pequeno... hoje a realidade é outra. Sentiram necessidade de se irem “modernizando”?

Não foi tanto uma questão de modernização, até porque quisemos manter um estilo mais “rústico” ou antigo e daí termos procurado um “novo” autocarro mas de modelo antigo, mas foi a necessidade de ter mais espaço face ao aumento significativo do número de membros da tertúlia nos últimos 20 anos, e de procurar também mais segurança.



4 – A Tertúlia Piriquita é das que tem o maior número de Tertulianos. Ao que se deve esse facto?

Sempre fomos uma tertúlia muito jovem, e mesmo os tertulianos mais velhos tinham e têm um espírito muito jovem. Além disso, sempre fomos uma tertúlia muito dinâmica e isso também levou a que muitos amigos e familiares dos membros mais antigos quisessem integrar a tertúlia. Há ainda outro facto importante, que de há 3 ou 4 anos para cá se faz notar mais, quando a tertúlia se formou praticamente todos os elementos eram solteiros e nos últimos 30 anos houve muitos casamentos e famílias a crescer e de um tertuliano no início, hoje já são mais 2 ou 3.

5 – Qual o espírito que tentam incutir aos Tertulianos mais novos?

Em primeiro lugar o espírito da amizade, que sempre desde o início esteve na génese da tertúlia e só assim faz sentido. Além disso, o respeito por todos e a responsabilidade são fundamentais. E como não podia deixar de ser, a alegria de ser tertuliano, o gosto pela festa brava e a devoção a N.ª Sr.ª da Salvação.

6 – Sabemos que a devoção à nossa padroeira – Nossa Senhora da Salvação – faz parte de uma vertente importante na vossa existência... Foi a Piriquita que, inclusive, ofereceu o Oratório N.ª Sr.ª Salvação que está na praça de toiros de Arruda dos Vinhos...

Sim, esse é sem dúvida um pilar da nossa existência enquanto tertúlia. Não o impomos a nenhum tertuliano mas tentamos incutir. Foi a Tertúlia O Piriquita que iniciou em 2005, juntamente com o Padre António Faustino, as missas em Honra de N.ª Sr.ª da Salvação e que mais tarde se viriam a transformar na missa das Tertúlias. Organizámos a missa Rociera, a missa Flamenca e a missa Fadista, e anos mais tarde na comemoração dos 20 anos, o momento de oração a N.ª Sr.ª com Cantares Alentejanos. O Oratório da praça de toiros foi mais uma marca que quisemos deixar, porque sendo a praça de toiros José Marques Simões um património físico, parte integrante de um património cultural que importa manter e defender, como é a cultura taurina, e a relação estreita que ao longo de séculos sempre houve entre a religião e a tauromaquia, fazia para nós sentido eternizar essa ligação com o Oratório.

7 – Como é que preparam a aproximação do mês de Agosto? Há um grupo responsável que varia todos os anos?

A Tertúlia está organizada como uma associação e nesse sentido constituída por órgãos sociais. A direção dá o mote, mas o que se pretende a cada ano é o envolvimento de todos, miúdos e graúdos na organização e preparação das festas. Esse é o momento de maior interação e ajuda que há ao longo do ano e onde se podem estreitar laços, dar exemplos aos mais novos e viver momentos de grande amizade. Por exemplo, em 2022, organizamos uma assembleia jovem, com todos os membros até aos 18 anos, para serem eles a escolher a cor da t-shirt desse ano. Foi uma forma de criar entusiasmo e perceberem que as festas não são só do dia 14 a 17, e que há muito trabalho por trás disso.

8 – Para além da Tertúlia Móvel, também têm um espaço fixo. Quais as atividades que dinamizam durante o ano?

Embora nos últimos anos essa atividade esteja mais reduzida, além de momentos de convívio, os tertulianos juntam-se para ver na televisão as transmissões de diversas feiras taurinas.

** Entrevista realizada em Junho de 2023*





A HISTÓRIA DA TERTÚLIA SUCESSORES DOS BARRILINHOS*

1 – O nome “Sucessores” faz-nos perceber que a V. Tertúlia tem antecedentes...

Sim claro, o nosso nome foi sugerido por amigos e familiares que, no passado, tinham tido relações de amizade e familiares, com um grupo de arrudenses que se costumavam reunir para se divertirem, comerem, beberem e passearem, chamados “Os Barrilinhos”.

Estamos a falar dos senhores Mário Lucas (Motorista), Luís Ferreira (Luís Torto), Felício (Ferreiro de Profissão), João Augusto Luís (Corredouras), Rocha (do Palácio do Morgado), Armando de Oliveira e o Manuel Policarpo Martins (Manuel Caramelo). Foi a existência e o espírito deste grupo que os nossos pais e amigos nos transmitiram, e que propuseram o nome para a nossa Tertúlia “Os Sucessores dos Barrilinhos”.

2 – Pode-se dizer que o V. lema – “Seja bem-vindo quem vier por bem”, abre as portas a muitos amigos e convidados?

Sim, isso é evidente. Foi o espírito desse lema que nos passaram e que nos esforçamos por manter ao longo dos anos. Claro que isso faz com que tenhamos possibilidade de conhecer pessoas novas: amigos e amigos dos amigos.

3 – Os Sucessores dos Barrilinhos congregam pessoas de várias idades...

Sim, a génese desta Tertúlia foram os sócios José Vieira e filhos, João Vieira e filhos, Armando Tobarro e filhos, Jorge Oliveira e filhos. Os anos foram passando, as famílias foram aumentando e a faixa etária também. Tendo esta tertúlia o lema já referido, outros amigos mostraram interesse em serem acolhidos como sócios: Meirinho e filha, Nuno Ramos e filha, Vítor Duarte e filhos e António José Santos, situação que se mantém. Aos mais pequeninos fomos inculcando o espírito de amizade, partilha, alegria e respeito que a todos nos une.

Mesmo esses mais pequenos também já mostram interesse em trazer os seus amiguinhos.



4 – Quais são os valores que pretendem passar de geração para geração?

Os valores que pretendemos passar de geração em geração são os referidos na resposta anterior e que foram sempre os que nos têm acompanhado: amizade, partilha, alegria, respeito e, sobretudo, muita união.

5 – À semelhança de outras, também a vossa Tertúlia teve a necessidade de adquirir um segundo autocarro?

Pois. Não só adquirimos um segundo, como já adquirimos o terceiro. Isso também se deve ao nosso lema, “Seja Bem Vindo, Quem Vier por Bem!” Esta família tem crescido e temos sentido a necessidade de ter e dar cada vez mais condições a quem nos quer visitar.

6 – No espaço onde estão inseridos (mais afastados do Chafariz) como é vivida cada Largada de Toiros?

A animação junto da nossa tertúlia é de tal forma intensa, tornando-se indiferente o local onde estamos. Há quem diga, que, por vezes o touro só atrapalha.

7 – Como é que funciona toda a logística/ organização com a aproximação das Festas de Agosto?

Quando há união e amizade tudo é possível. Claro que toda a logística não é fácil, desde a limpeza aos arranjos do autocarro temos também de controlar as bebidas, a comida, as t-shirts, os almoços. Mas como as tarefas são distribuídas pelos elementos, não só da associação, o trabalho torna-se mais facilitado.

8 – Todos os anos estreiam uma T-Shirt? Qual será a cor deste ano?

Todos os anos são apresentadas, pelos membros da direção várias hipóteses de escolha. Este ano recaímos sobre o azul denim que foi uma cor que nunca tivemos. Reconheçamos que ao fim de 26 anos já se vai tornando difícil optar por uma cor, sem repetição.



9 – Durante o ano têm por hábito juntarem-se ou promoverem algumas atividades?

Infelizmente, não temos esse hábito de nos juntarmos. Para isso tem contribuído o trabalho de cada um, dificultando a tarefa de juntar todos os sócios. Mesmo que sejam apenas os dos corpos sociais.

Mas desde que somos associação temos dado algum apoio a instituições de solidariedade social do nosso concelho. No primeiro ano que não houve festa, devido à pandemia, criamos uma t-shirt solidária que se reverteu em EPI's (máscaras, álcool gel, luvas, etc.), para entregar a instituições de solidariedade social do nosso concelho.

10 – Sentem que o “fenómeno” das Tertúlias Móveis atrai muitos forasteiros à nossa terra?

Sim, sem qualquer dúvida; lembremo-nos que há alguns anos atrás éramos dos poucos, ou únicos, a ter tertúlias móveis durante as festas. E palavra passa a palavra, os visitantes foram aumentando ano após ano para confirmar o que são “Tertúlias Móveis” e a animação que isso implica. Os que vêm num ano, de certeza que no ano seguinte repetem.

** Entrevista realizada em Junho de 2023*





A HISTÓRIA DA TERTÚLIA KANECÚS*

1 – Sentem que o vosso surgimento como Tertúlia Móvel foi incentivado pela existência de tantas outras e por uma tradição com mais de 40 anos?

Sim, sem dúvida.

2 – Quem foram os impulsionadores da Kanecús?

Os impulsionadores dos Kanecús foram alguns filhos dos fundadores dos Sucessores dos Barilinhos, que ao quererem juntar-se com os seus amigos acabaram por dar origem a uma nova tertúlia.

3 – O que é que mais apreciam no espírito que existe entre as Tertúlias Móveis?

É o momento do reencontro, da amizade. É o local onde vemos quem tem estado fora, ou quem passa a vida a trabalhar, é o “compromisso” de nos juntarmos todos os anos.

4 – Qual é a faixa etária predominante na vossa Tertúlia?

Entre os 30 aos 50, contudo com o passar das gerações tem vindo a aumentar o fluxo de tertulianos entre os 18 aos 25 anos, sendo que muitos são filhos de fundadores e levam os seus amigos.

5 – Quais são os valores que pretendem preservar dentro do vosso grupo?

Amizade, espírito de equipa e cooperação.

6 – Quais são os preparativos que envolvem a chegada de mais uma Festa de Agosto?

A manutenção e gestão do autocarro, escolha da cor da camisola, gestão das encomendas, organização de almoços, distribuição de tarefas, etc.



7 – Todas as Tertúlias Móveis têm registado um crescimento significativo. Sentem que o facto de já não existir espaço para mais Tertúlias Móveis leva a que o número de Tertulianos aumente junto das que já existem? Isso reflete-se na vossa?

Sim, claro. Os filhos dos fundadores estão a crescer, trazem os amigos para onde cresceram, é certo que muitos decidem seguir o seu caminho e as suas intuições, mas outros acabam por ficar e trazer o seu próprio núcleo de amigos.

8 – Durante o ano promovem algumas iniciativas?

Não.

9 – Ultimamente, a Câmara Municipal tem procurado incutir uma nova dinâmica à promoção das Tertúlias Móveis. Sente que isso tem atraído mais pessoas às Largadas de Toiros?

Sim, mas também acho que é muito pelo convívio e pelo espírito existente na festa.

** Entrevista realizada em Junho de 2023*



A HISTÓRIA DA TERTÚLIA DO CAPOTE*

1 – A Tertúlia O Capote foi a última a ser criada e por falta de espaço físico dificilmente surgirão outras... Tudo aconteceu em 2012?

A Tertúlia do Capote nasceu no início do ano de 2012, mas a verdade é que o grupo de amigos já existe há muitos anos. A tertúlia nasce assente nesta amizade e da partilha do gosto pela Festa Brava. Em 2012, sete amigos decidem fundar a associação da Tertúlia do Capote e adaptar um autocarro para podermos marcar presença nas Festas de Agosto.

2 – Como é que é vivido o ambiente na parte “sul” da rua Cândido dos Reis?

De forma muito animada! Partilhamos esta parte da rua com excelentes companheiros de Tertúlias e juntos levamos a Festa Brava a outro patamar! Agora fora de brincadeiras, o espírito que se vive nesta zona da rua é excelente, vive-se um espírito de partilha e uma vontade de se fazer a festa em toda a rua.

3 – Para além de participarem nas Festas de Agosto promovem mais alguma iniciativa durante o ano?

Sim, para além das Festas de Agosto, a Tertúlia do Capote procura promover a união e momentos de convívio entre os seus sócios e amigos. Por exemplo, no ano 2023, estivemos presentes na Festas de Santo António de Arruda dos Vinhos, organizamos um almoço de convívio de Santos Populares onde apresentámos a nossa t-shirt desse ano para as Festas de Agosto, um jantar na Festa da Vinha e do Vinho, um almoço de Natal, que também contou com ações solidárias (doação de alimentos aos bombeiros e à GNR e recolha de alimentos e brinquedos que foram doados a famílias carenciadas do concelho), e também desenvolvemos uma linha de merchandising onde os sócios podem encontrar

sweats, canecas, chapéus, leques, entre outros, tudo para que possam vestir honrosamente as cores da nossa Tertúlia nos nossos eventos.

4 – Antes das Festas, que tipo de preparativos é que têm que ser feitos?

Qualquer uma das iniciativas ou participações da Tertúlia do Capote envolvem sempre muito rigor na preparação, principalmente as Festas de Agosto por toda segurança que tem de ser assegurada. Por isso, os preparativos para as Festas de Agosto passam pela revisão, higienização e reparação do autocarro; comunicação entre parceiros oficiais da nossa associação, a quem muito agradecemos; e organização logística, onde contamos sempre com a colaboração de todos.

5 – O número de Tertulianos tem vindo a aumentar?

Sim, ao longo dos anos a associação tem crescido imenso e com o aumento de número de associados/tertulianos de várias idades, incluindo filhos de tertulianos, torna-se mais forte a ambição de transmitir o gosto pela Festa Brava e pelas Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos, bem como as tradições que se lhe encontram intimamente ligadas, num espírito de amizade e partilha familiar.

6 – Também têm por hábito estrear uma T-shirt todos os anos?

Sim! Todos os anos estreamos uma nova t-shirt com uma cor diferente (exceto o branco que é utilizado a cada 5 anos de antiguidade da tertúlia - já usámos duas vezes). É ótimo para fazer uma coleção e recordar cada ano em cada t-shirt.

7 – Consideram que o impulso que a Câmara Municipal tem dado às Tertúlias Moveis tem sido importante para a divulgação deste fenómeno?

O trabalho da Câmara Municipal tem sido fundamental para a afirmação, divulgação e preservação das Tertúlias Móveis que têm vindo a ganhar expressão na organização das Festas de Agosto. A proposta para declarar as Tertúlias Móveis como parte integrante do património cultural e imaterial dos cidadãos arrudenses, a institucionalização do dia 14 de agosto como dia das Tertúlias Móveis, a construção do “Monumento das Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos” e a publicação da revista dedicada às “Tertúlias Móveis”, são claros exemplos disso. No entanto, os tertulianos querem sempre mais e continuam a lutar e a trabalhar para uma ainda maior afirmação que poderá passar, por exemplo, pela realização anual de mais uma largada de toiros durante as Festas de Agosto. Aproveitamos ainda para deixar um desafio à câmara Municipal de Arruda! Que tal uma reestruturação/renovação da rotunda de A-do-Barriga? Saudações tertulianas!

** Entrevista realizada em maio de 2024*





A HISTÓRIA DA TERTÚLIA d'AFICION* (Aí tá o cavalo!)

1 – Como é que nasceu a ideia de formar a vossa Tertúlia?

A ideia surgiu de um grupo de amigos, amantes da festa brava e das nossas festas taurinas.

2 – A vossa Tertúlia tem como sobrenome “Aí tá o cavalo!”. Dela fazem parte muitos elementos com gosto pela equitação...

O nome inicial da Tertúlia era “Aí tá o cavalo” pelo gosto pelos cavalos e pela relação e importância destes na festa taurina. Entretanto o nome foi alterado para “Tertúlia D’Aficion”, por alteração dos responsáveis. No entanto, o espírito mantém-se: o gosto pela festa brava e pela tradição das largadas na nossa terra. Consideramo-nos aficionados.

3 – Nos últimos anos, a vossa Tertúlia também tem sido submetida a vários melhoramentos... Falem-nos deles.

A Tertúlia tem tido melhoramentos, sim. Temos um autocarro maior, de 2 andares, que comporta mais pessoas. Temos melhorado e apetrechado a Tertúlia ao longo dos anos, cada ano um bocadinho mais e melhor, desde acessórios e eletrodomésticos (como frigoríficos) a utensílios.

4 – Quanto tempo, antes das Festas, é que começam a preparar e organizar as coisas?

Depende dos anos e do trabalho que a carrinha necessita. Quando é necessário fazer melhoramentos na carrinha, por volta de junho/julho... a organização logística começa em julho.

5 – Já escolheram a cor da T-shirt para este ano?

Temos tido sempre o polo. É sempre o mesmo

todos os anos. Não consideramos que a t-shirt anual seja necessária.

6 – Na vossa Tertúlia o número de Tertulianos tem aumentado de ano para ano?

Sim. É um facto. Todos os anos aumentamos o número de participantes. Tem sido complicado gerir, pois queremos que todos estejam na Tertúlia sem atropelos e com espaço e condições para usufruírem da festa.

7 – Sentem que muitas pessoas vêm às Largadas de Toiros de Arruda dos Vinhos atraídas por este fenómeno?

Sim. Temos a certeza disso. As Tertúlias são um chamariz para a vinda de forasteiros às largadas.

** Entrevista realizada em maio de 2024*







Arruda
dos Vinhos

